



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

PATRICIA ROSA GARCIA PIRES

Sobre as três formas de amizade em Aristóteles: elas podem chegar ao fim?

SEROPÉDICA

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

PATRICIA ROSA GARCIA PIRES

Sobre as três formas de amizade em Aristóteles: elas podem chegar ao fim?

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) para obtenção do Título de Licenciada em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr Francisco José Dias de
Moraes

SEROPÉDICA

2019

Sobre as três formas de amizade em Aristóteles: elas podem chegar ao fim?

PATRICIA ROSA GARCIA PIRES

Monografia defendida e aprovada no dia ____/____/____.

BANCA AVALIADORA:

NOME DO PRESIDENTE DA BANCA E SIGLA DA INSTITUIÇÃO

NOME DO SEGUNDO MEMBRO DA BANCA E SIGLA DA INSTITUIÇÃO

NOME DO SUPLENTE DA BANCA E SIGLA DA INSTITUIÇÃO

Amigo é como um vizinho quando Deus está distraído
Millôr Fernandes

RESUMO

Este trabalho aborda a noção de amizade em Aristóteles e trata do problema do término a que algumas formas estariam sujeitas. Pretende-se mostrar por que as formas de amizade baseadas na utilidade e no prazer correm mais risco de terminarem do que a amizade baseada na bondade. Além disso, breves considerações são feitas acerca do próprio conceito de *philia*, que geralmente é traduzido por amizade. Esta pesquisa concentra-se na obra *Ética a Nicômaco* e utiliza os livros VIII e IX como alvo, fazendo inicialmente uma contextualização da obra e, posteriormente, explora o peso e o valor do tratado da amizade nela, para em seguida apresentar as definições que Aristóteles faz sobre a amizade e expor sucintamente alguns problemas específicos relativos a ela.

Palavras-chave: Ética. Aristóteles. Amizade.

ABSTRACT

This work addresses the notion of friendship in Aristotle and deals with the problem of the termination to which some forms would be subject. It is intended to show why friendships based on utility and pleasure are more a risk of ending than friendship based on goodness. In addition, brief considerations are made about the own concept of *philia*, that is usually translated by friendship. This research focuses on the work *Nicomachean Ethics* of Aristotle, and it uses the books VIII and IX as a target, initially making a contextualization of the work and, subsequently, it explores the weight and value of the treaty of friendship in it, for soon afterwards to present the definitions that Aristotle does about friendship and succinctly expose some specific problems relating to it.

Key words: Ethics. Aristotle. Friendship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 ASPECTOS GERAIS SOBRE A AMIZADE	10
2 O TRATADO SOBRE A AMIZADE	12
3 AS TRÊS FORMAS DE AMIZADE	22
3.1 Amizade baseada na utilidade.....	22
3.2 Amizade baseada no prazer	24
3.3 Amizade baseada na bondade	24
4 POSSÍVEIS MOTIVAÇÕES QUE LEVARIAM AO TÉRMINO.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

É comum que relacionamentos cheguem ao fim. Momentos, lugares e confidências passam a residir apenas em nossas lembranças. Pessoas que antes dividiam conosco os dias tornam-se completos estranhos. No que diz respeito à amizade, achamos que, se perdemos um amigo, era pelo fato dele nunca ter sido verdadeiramente nosso amigo. Contudo, mesmo sem saber com exatidão, intimamente acreditamos que há uma forma de amizade duradoura, que resiste às instabilidades da própria vida, e nos acompanha durante toda a nossa existência.

A partir do percurso aristotélico, este trabalho procurou apresentar essa forma de amizade que mantemos viva em nossas esperanças. Aquela que estaria a salvo do término. Nela, Aristóteles deposita as melhores qualidades e a faz um alvo a ser perseguido. Tal amizade seria baseada na bondade, algo que para o filósofo é muito durável. No seu entendimento, os participantes desse tipo de amizade não só estariam protegidos contra a triste dissolução dos laços que os uniram, como também das calúnias que por ventura poderiam surgir para abalar essa estrutura tão bem edificada pelos amigos.

Porém, antes de abordar tal amizade, inicialmente será apresentada de modo breve a origem, uma perspectiva geral histórica e os significados que o termo *philia* assume no período clássico, termo que geralmente é traduzido por amizade. No período homérico, ocorria uma variação de *philia*, e constava o termo *philos*, que tinha uma dupla acepção. E também havia o termo *xenos*, empregado para designar a relação de hospitalidade com o estrangeiro.

No segundo capítulo, serão abordados sucintamente alguns pontos do tratado da amizade. Pertencente à obra *Ética a Nicômaco*, o tratado é contextualizado dentro da obra. Para tal, antes será feita uma breve consideração sobre ela, abordando de maneira geral seus principais objetivos e alguns dos temas mencionados nela. O tratado está localizado nos livros VIII e IX. Neles, Aristóteles trata da visão dos filósofos Empédocles e Heráclito, faz definições acerca da amizade, diz quantas e quais são e aborda problemas relativos à amizade. Ainda no segundo capítulo, expõe-se a contribuição que Platão ofereceu ao tema da amizade presente em sua obra *Lísis*, que possui a estrutura de um diálogo e termina numa aporia.

Embora este trabalho tenha se concentrado no tema da amizade na *Ética a Nicômaco*, vale ressaltar que Aristóteles aborda essa temática em outras obras como *Ética a Eudemia*, *Magna Moralia* e *Retórica*.

Já no terceiro capítulo, as três formas de amizade propostas por Aristóteles serão abordadas com maior profundidade. Que se baseiam na utilidade, no prazer e na bondade. Para o filósofo, as formas de amizade correspondem a três porque, segundo ele, o número de coisas que estimamos são três, o que é útil, prazeroso e bom. Também será exposto entre quem as três formas de amizade costumam ocorrer, e o que se pode esperar delas.

Finalmente, no último capítulo, serão apresentadas as possíveis motivações que levariam aos tipos de amizade a chegarem ao fim. Cumpre destacar que por causa da propriedade das formas por utilidade e prazer, que é a acidentalidade, elas estariam mais sujeitas ao término do que a amizade baseada na bondade. Como esta não só é durável, mas também estimuladora de nobres ações, Aristóteles faz da amizade baseada na bondade algo permanente. Ademais, será abordado de que modo a amizade a si mesmo dos bons tanto difere do puro egoísmo, como também contribui para a manutenção dessa forma de amizade.

1 ASPECTOS GERAIS SOBRE A AMIZADE

Para iniciar esta pesquisa, a questão da amizade será abordada a partir de uma caracterização mais geral feita ao longo da história e como a própria palavra ‘amizade’ é significada. Desse modo, pretende-se mostrar, ainda que de maneira superficial, como uma noção tão presente em nosso cotidiano e na literatura filosófica foi sendo desenhada através dos tempos.

A amizade possui características próprias que a diferenciam de outras formas de relação. Ainda que o sentimento que une os amigos seja semelhante ao sentimento que une os familiares, sua marca fundamental é algo semelhante à escolha. Ela que independe e ultrapassa os laços sanguíneos para unir duas pessoas amistosamente:

Embora o conceito de amizade não seja uniforme nas várias culturas, ou mesmo dentro de uma única cultura em qualquer dado momento, a essência da relação que trataremos aqui pode ser caracterizada como um vínculo mutuamente íntimo, leal e amoroso entre duas ou algumas pessoas, que não se origina da associação a um grupo normalmente marcado pela solidariedade nativa, como a família, a tribo ou outros laços semelhantes. A amizade é, portanto, o que os antropólogos chamam de uma relação adquirida e não uma relação atribuída; a última é baseada no *status*, ao passo que a primeira é, em princípio, independente de uma conexão formal anterior, tal como o parentesco ou a etnicidade.¹

O conceito grego de *philia* só vai aparecer a partir de Heródoto no século V A.C. Antes, porém, tinham-se os termos que se aproximavam desse conceito, que eram *philos* e *xenos*. Em Homero, o adjetivo *philos* tinha um duplo sentido, possessivo e afetivo. Na primeira acepção, não há similaridade com as relações de amizade, fazendo referência à posse de animais e objetos. Já na segunda acepção, exprime proximidade e relações de parentesco. Quanto a *xenos*, que significa hóspede, sua aparição está relacionada ao tratamento hospitaleiro que deve ser observado diante do estrangeiro. Tal relação estaria marcada por obrigações e benefícios mútuos, dado que a característica desse momento histórico seria a constante insegurança, fruto do clima de guerras.

¹ Konstan, 2005, p. 1.

De acordo com Konstan (2005, p. 7) “[...] a amizade no mundo clássico é entendida essencialmente como uma relação pessoal fundada em afeição e generosidade [...]”. Tal afirmação é importante para compreender nos capítulos seguintes tanto algumas definições que Aristóteles fez a respeito da amizade, quanto o modo como os amigos costumam agir.

Já com relação à palavra ‘amizade’, que geralmente é traduzida por *philia* em grego, David Konstan chama atenção para o fato de que o termo carrega uma noção bem mais abrangente do que se costuma atribuir. Segundo ele, nessa prática de traduzir *philia* por ‘amizade’ residiria certo engano, sendo melhor traduzir por ‘amor’ ou ‘relação amorosa’:

Na realidade, a forma *philía* tem, de fato, uma abrangência bem maior de relacionamentos do que apenas a amizade, incluindo o amor entre parentes e a afeição ou solidariedade entre associados relativamente distantes, tais como os membros da mesma fraternidade ou cidade.²

Entretanto, este trabalho não irá se concentrar nessas questões sobre a tradução mais adequada. Optaremos pela tradução mais usual de *philia* por ‘amizade’. Essa citação será utilizada mais como uma ferramenta que elucida as origens e a amplitude do termo. O que permitirá, posteriormente, que sejam entendidas as diversas relações que Aristóteles caracteriza como amizade.

² Konstan, 2005, p. 12.

2 O TRATADO SOBRE A AMIZADE

Antes de iniciarmos nosso mergulho sobre alguns pontos contidos no tratado sobre a amizade, é pertinente localizarmos onde ele se encontra. O tratado sobre a amizade pertence à obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, que, em linhas gerais, aborda o modo como o homem deve agir segundo a razão visando uma vida boa e venturosa.

Logo nos primeiros capítulos da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles procura esboçar qual o objeto de sua investigação e a precisão que se poderá esperar dela. Indica que tratará da ciência política e que o maior bem que é possível ser alcançado pela ação é a felicidade. Dado os assuntos que essa ciência examina, o filósofo já menciona inicialmente, como uma espécie de prevenção, que não se deve esperar total exatidão no decorrer dessa tarefa empreendida, pois tais assuntos estão na ordem da convenção e não são por natureza.

Ao longo dessa obra, alguns dos temas que são abordados além da amizade, constam o prazer, a justiça e a temperança. Eles cumprem a função de indicar tanto que são indispensáveis para se compreender o indivíduo, quanto para o bom funcionamento da *polis*. O cidadão que, conseguindo entender a relevância do prazer, por exemplo, de maneira equilibrada, poderia viver bem não apenas consigo mesmo, mas também agir melhor para com seus concidadãos. A força do hábito o conduziria à maneira correta de dosar o prazer. Dessa forma, haveria uma relação direta entre a vida levada pelo cidadão e o que seria reproduzido para com os membros da cidade. Isso parece ser verificado quando Aristóteles enfatiza o papel que a educação tem com relação ao prazer na vida dos jovens:

Com efeito, julga-se que ele está intimamente relacionado com a nossa natureza humana, e por essa razão, ao educar os jovens, nós os governamos com os lemes do prazer e da dor. E também se pensa que comprazer-se com as coisas apropriadas e detestar as que se deve maior influência possível sobre o caráter virtuoso. Porque essas coisas nos acompanham durante a vida inteira, com um peso e um poder próprios tanto no que toca à virtude como à vida feliz, já que os homens escolhem o que é agradável e evitam o que é doloroso [...].³

³ *Ét. a Nic.*, X, 1, 1172ª 20-25.

Embora tais temas possam ser compreendidos isoladamente dentro da obra, de maneira geral, podem ser vistos como complementares. Já no que diz respeito à posição que a *Ética a Nicômaco* ocupa dentro dos livros escritos por Aristóteles, é dito que pertence aos escritos esotéricos, ou seja, os que eram voltados para os discípulos.

Exposto esse resumido panorama geral da *Ética a Nicômaco*, podemos elucidar a importância do tratado da amizade nela. A discussão sobre amizade está instalada nos Livros VIII e IX, e tem um papel fundamental para Aristóteles tanto a partir de uma perspectiva mais restrita, quanto de uma mais ampla. Sua participação na *Ética a Nicômaco* é explicitada pelo fato de que a amizade é caracterizada como sendo uma virtude ou implicando em uma. E saindo da esfera dos escritos aristotélicos e indo em direção à análise da própria vida, o filósofo observa que é imprescindível ter amigos para se viver bem.

Como a temática da amizade está presente numa obra que tem como alvo conduzir os cidadãos da *polis* ao agir e viver bem em comunidade, é importante destacar que numa vida isolada a amizade teria pouco ou nenhum valor. Assim, não se deve perder de vista que a amizade aos moldes aristotélicos tem um viés ético e político. Desse modo, poderemos olhar a amizade não com os nossos olhos, que talvez acreditem que o viver bem residiria estritamente numa satisfação individual que o ter amigos poderiam proporcionar, mas com o olhar que amplia a amizade e não a deixa limitada aos muros de nossa casa.

Para a *polis* inventada pelos gregos – sociedade de iguais enquanto todos os homens estão em igualdade de condições e participam das discussões e decisões – o essencial é a amizade – a *philia* – que os cidadãos podem/devem ter uns pelos outros. É o cimento humano. (WARKEN, p. 69, 2005)

Quanto à forma como está estruturado o tratado, mencionaremos alguns pontos como as definições que Aristóteles forneceu sobre a amizade; a menção do que os filósofos anteriores como Heráclito e Empédocles entendiam a respeito dela; quais eram as espécies e entre quem elas ocorriam; a comparação dos modelos de constituições políticas com algumas formas de amizade; a diferenciação entre benevolência e amizade; se os homens deveriam fazer muitos amigos e se necessitamos mais de amigos na prosperidade ou na adversidade.

Ainda que se acredite que a maior e mais completa investigação sobre o tema da amizade no período clássico tenha partido de Aristóteles, é importante ressaltar que, anteriormente, Platão já havia investigado com alguma profundidade o tema. Em sua obra intitulada *Lísis*, que possui a estrutura de diálogo, Platão reflete e faz provocações sobre a questão da amizade, através dos participantes Sócrates, Hipócles e Lísis.

Mesmo podendo ser encarada como uma obra que fala sobre o amor, visto que o termo *philia* assume no começo do diálogo essa conotação, por conta do ponto levantado sobre a forma como o amante deve se comportar em relação ao amado, a temática da amizade não deve ser descartada porque está presente e tem sua força no decorrer da obra. Além de Platão procurar definir o que é a amizade, investiga entre quem ela pode ocorrer.

Segundo Ortega (2002, p. 37), ‘‘Para Platão, *eros* era o elemento ativo, a atividade da alma que levava à *philia*, a qual era um afeto estático, uma condição da alma, a resposta mais débil e menos apaixonada ao amado’’. Vale ressaltar que Platão dá ênfase à relação amistosa que ocorreria entre homens. Até mesmo em Aristóteles, o cerne da amizade é de natureza masculina. Não se pode ignorar que o espaço público, no contexto grego clássico, era predominantemente masculino.

O diálogo concentra-se, basicamente, sobre três afirmações e suas respectivas objeções. A primeira pretende apresentar a amizade a partir da concepção dos poetas, a segunda sob a ótica dos filósofos e a terceira procura conciliar as duas afirmações. Na concepção dos poetas, a amizade seria uma agregação entre os que fossem semelhantes ou iguais. Entretanto, ela é rejeitada porque se mostra impossível, dado que o mau poderia ser amigo do mau e daí não se poderia esperar benefícios mútuos, e tampouco os amigos poderiam aspirar à felicidade. Já na concepção dos filósofos a amizade seria a união dos contrários. Porém, essa premissa também será deixada de lado, pois se mostrará inviável na medida em que poderia ser dito que o justo traria amizade com o injusto. Por fim, a terceira afirmação tenta defender que aquele que não é nem bom e nem mau é o que pode ser amigo do bom. Platão irá comparar o corpo com o que é nem bom e nem mau, mas que poderá se tornar bom por causa da presença do mau, ou seja, uma doença. Como o diálogo é aporético, fica assentado, parcialmente, que a amizade é sinônimo de bem.

Feita essa pequena digressão, podemos retornar ao tratado da amizade. As definições de Aristóteles acerca da amizade versam sobre a relevância dela para a vida, sobre o desejo de dividir o que se possui e sobre sua peculiar característica: a convivência. Nela é que os amigos poderiam compartilhar as atividades que os atraíssem, que melhor delineariam seu viver em comum:

E daquilo que a existência significa para cada classe de homens, daquilo que, para eles, dá valor à vida, disso mesmo desejam ocupar-se em companhia de seus amigos. Por isso alguns bebem juntos, outros jogam dados juntos, outros associam-se nos exercícios atléticos, na caça ou no estudo da filosofia, cada classe de homens passando os dias entregue, em mútua companhia, às ocupações que mais ama na vida; porque, visto como desejam viver com seus amigos, fazem e compartilham aquelas coisas que lhes dão o sentimento de viverem juntos.⁴

Tamanha é a importância da amizade em nossa vida, que Aristóteles pontua que ninguém escolheria viver sem ela. A amizade também envolveria a generosidade, pois para o filósofo ela dependeria da comunhão de bens. E no que diz respeito à relação amistosa que se trava com alguém, para Aristóteles há vontade em passar os dias junto do amigo. O que pode ser exemplificado pela seguinte passagem:

[...] assim como para os amantes a vista do ser amado é a coisa que maior deleite lhes causa, e preferem esse sentido aos outros porque é dele que mais depende tanto a existência como a origem do amor, também para os amigos a mais desejável de todas as coisas é o convívio? Porque a amizade é uma parceria, e tal é um homem para si mesmo, tal é para o seu amigo; ora, para ele a consciência do seu ser é desejável, e também o é, por conseguinte, a consciência do ser de seu amigo; e essa consciência torna-se ativa quando eles convivem. Por isso, é natural que busquem o convívio.⁵

Nessa passagem da *Ética*, é evidenciada a importância do convívio, no qual os amigos poderiam deleitar-se do fato de existirem e serem parceiros. Há um escritor brasileiro que salienta como a amizade propicia uma conexão íntima e delicada. Que poderíamos relacionar tanto com o valor que Aristóteles confere à amizade na vida humana, quanto o

⁴ *Ét. a Nic.*, IX, 12, 1172^a 5.

⁵ *Ét. a Nic.*, IX, 12, 1171b 30-35 1172^a.

papel do convívio para se efetivar a profundidade do laço amistoso. Drummond dirá no início de um conto seu:

Não, não é conto. Sou apenas um sujeito que escuta algumas vezes, que outras não escuta, e vai passando. Naquele dia escutei, certamente porque era a amiga quem falava, e é doce ouvir os amigos, ainda quando não falem, porque amigo tem o dom de se fazer compreender até sem sinais. Até sem olhos.⁶

No início do tratado, Aristóteles procura apresentar tanto a visão de filósofos anteriores a ele a respeito da amizade, quanto os provérbios associados ao tema. Para Heráclito, a amizade coincide com a oposição e a diferença, visto que para ele o que se opõe seria o que ajuda e que a melodia mais bela nasceria de notas diferentes. Já para Empédocles a amizade residiria numa semelhança, pois para ele os semelhantes se atrairiam. Com relação aos provérbios, a questão da semelhança também está presente, quando se afirma que cada ovelha anda com sua parilha ou que igual busca igual. Mas Aristóteles frisa que sua investigação irá tomar um rumo diferente dos seus antecessores, já que eles priorizam o componente físico que estaria presente na amizade, e a sua terá como alvo o caráter e o sentimento.

O tratamento sobre as formas de amizade está contido no Livro VIII, e Aristóteles diz que essas são três, dado que são três o número de coisas que estimamos. O que é útil, agradável ou bom. Contudo, em passagens posteriores o filósofo afirma que há outra forma de amizade e que tal espécie envolve desigualdade entre as partes. No que concerne às três formas de amizade, falaremos sucintamente delas nesse momento porque será no próximo capítulo deste trabalho que elas serão aprofundadas.

A amizade baseada na utilidade é caracterizada em virtude de algum bem que se recebe e pode ocorrer entre os mais velhos. A espécie que se baseia no prazer é caracterizada em função do outro ser agradável e pode ser encontrada principalmente entre os jovens. Já a amizade baseada na bondade tem como característica ser própria dos homens que são afins na virtude e só pode ser encontrada entre os homens que são bons em si e para os amigos.

⁶ Disponível em: <<https://www.revistaprosaveroearte.com/flor-telefone-moca-carlos-drummond-de-andrade/>>. Acesso em: 19 Fevereiro 2019.

Quanto à espécie de amizade desigual, Aristóteles cita como exemplos a relação entre pai e filho, de mais velho para mais jovem, de marido e mulher e de governante e súdito. Esses exemplos da espécie de amizade desigual também diferem uns dos outros, porque a que ocorre entre pai e filho não é a mesma que entre governante e súdito, nem a amizade de pai para filho é a mesma que a de filho para pai, como a de marido e mulher não é a mesma que a de mulher para marido.

Para Aristóteles, a virtude e a função de cada uma dessas pessoas seriam diferentes, e por isso difeririam os seus motivos para amar:

Cada parte, pois, nem recebe a mesma coisa da outra nem deveria buscá-la; mas quando os filhos prestam aos pais aquilo que devem prestar aos que os puseram no mundo, e os pais aquilo que devem prestar aos filhos, a amizade entre tais pessoas é duradoura e excelente.⁷

Ainda sobre a questão da amizade desigual, Aristóteles diz que o amor deve ser proporcional, o que para ele significa que o melhor deve receber mais amor do que dá, assim como deve ser mais útil. “[...], pois quando o amor é proporcional ao mérito das partes estabelece-se, em certo sentido, a igualdade, que é indubitavelmente considerada uma característica da amizade.” (ARISTÓTELES, 1158b)

Segundo Aristóteles, seria possível comparar os modelos de constituições políticas e suas respectivas perversões com a forma de amizade que ocorre entre familiares e a amizade entre rei e súdito. As constituições são a monarquia, a aristocracia e a que está baseada na inclusão do maior número de pessoas, chamada de timocracia ou governo do povo. A monarquia é o governo de um só homem e que visa à vantagem dos súditos. Aristóteles diz que o homem só pode ser rei quando basta a si mesmo e supera os súditos em todas as boas coisas. Caso ele não for desse modo, será rei apenas no título. O desvio da monarquia seria a tirania, que é quando o rei visa apenas sua própria vantagem, e é considerada a pior forma de desvio. A aristocracia é o governo dos virtuosos, e seu desvio chamado de oligarquia, ocorrendo quando os poucos governantes são ruins e distribuem sem equidade o que pertence ao Estado. Já a timocracia é o governo da maioria e considera os que

⁷ *Ét. a Nic.*, VIII, 7, 1158b 20-25.

não têm posses como iguais aos outros, degenerando em democracia. Esta seria considerada a menos má das formas de perversão.

A amizade que é análoga à monarquia depende de um excesso de benefícios conferidos, o rei os confere aos seus súditos quando, sendo ele um homem de caráter bom, é zeloso do bem-estar de seus súditos. Semelhante à relação do monarca com os súditos é a que ocorre entre pai e filho, pois o primeiro zela pelo segundo:

E acresce que, por natureza, um pai tende a governar seus filhos, os avós aos descendentes e os reis aos seus súditos. Estas amizades implicam superioridade de uma parte sobre a outra, sendo essa a razão das honras que se prestam aos antepassados. Portanto, a justiça que existe entre pessoas assim relacionadas não é a mesma de parte a parte, mas sempre proporcional ao mérito; porquanto isso é verdadeiro também da própria amizade.⁸

A amizade correspondente à constituição aristocrática que poderia ser encontrada entre marido e mulher, está de acordo com a virtude. O melhor recebe maior quinhão de bens e cada um recebe o que lhe compete. O desvio ocorreria se uma das partes governasse em tudo. A amizade semelhante à timocracia seria a que ocorre entre irmãos, dado que são iguais nos sentimentos e no caráter.

No que diz respeito à comparação que Aristóteles faz entre as constituições políticas e as formas de amizade encontradas nas famílias, podemos notar que a amizade ocupa um espaço muito amplo em sua investigação, alcançando as fronteiras da própria polis:

Aristóteles localiza a ‘‘comunidade’’ (koinoia) na base de toda amizade; ele estende as relações de amizade quase à totalidade de relações humanas, incluindo formas de parentesco, vínculos entre cidadãos na polis e relações de hospitalidade. O conceito e o sentido da amizade são determinados pela perspectiva da polis. É a partir do ideal de uma vida comunal perfeita numa polis autárquica que a amizade é concebida.⁹

⁸ *Ét. a Nic.*, VIII, 11, 1161^a 20.

⁹ Ortega, 2002, p. 43

Aristóteles menciona que onde nada aproxima o governante dos governados não pode haver amizade, uma vez que faltaria a justiça. Um exemplo seria o que ocorre entre artífice e ferramenta, embora a ferramenta seja um benefício para o artífice, não pode haver justiça e nem amizade para com objetos inanimados. O filósofo complementa que tampouco poderia existir amizade de um humano para com um cavalo ou um boi, já que não haveria nada em comum entre as duas partes.

Aristóteles vai discorrer sobre a benevolência e faz questão de diferenciá-la da amizade, visto que há pontos em comum. Ele diz que embora a benevolência seja um tipo de relação amigável, não pode ser caracterizada propriamente como amizade, dado que é possível sentir benevolência por quem não conhecemos e que essa pessoa nem mesmo saiba de nossa disposição em relação a ela.

Mas a benevolência não é sequer um sentimento amistoso, já que não envolve intensidade ou desejo, enquanto o sentimento de amizade é acompanhado desses elementos. Além disso, amizade implica intimidade, enquanto a benevolência pode surgir repentinamente, como acontece para com os adversários numa competição: sentimos benevolência para com eles e compartilhamos os seus desejos, mas não cooperaríamos em nada com eles; porque, como dizíamos, esse sentimento nos vem de súbito e nós só os amamos superficialmente.¹⁰

Encaminhando-se para o término dessa discussão, o filósofo dirá que a benevolência parece ser um início de amizade, pois para que duas pessoas sejam amigas é preciso que antes elas tenham sentido benevolência uma pela outra. Assim, em suas palavras, a benevolência seria como uma amizade inativa, tornando-se uma verdadeira amizade quando se estendesse e atingisse um grau de intimidade.

Aristóteles aborda a questão se devemos fazer o maior número de amigos possível, e diz que se numa amizade baseada na utilidade alguém pretendesse retribuir muitas pessoas, seria muito trabalhoso e uma vida humana não seria suficiente. Isso além de ser desnecessário, constituiria um empecilho à vida nobre. Também na amizade com vistas no prazer, poucos amigos seriam suficientes. Já quando se trata da amizade baseada na bondade, pontua que haveria um número apropriado:

¹⁰ *Ét. a Nic.*, IX, 5, 1166b 35.

De modo que para os amigos também existe um número fixo – talvez o maior número com que se pode conviver (pois essa, segundo verificamos, é considerada como a própria característica da amizade); e é evidente que não se pode conviver com muitas pessoas e dividir-se entre elas. Acresce que essas pessoas também devem ser amigas umas das outras, se têm de passar a vida juntas; e dificilmente tal condição será preenchida com um número elevado de indivíduos. E tampouco é fácil compartilhar as alegrias e os pesares íntimos de muita gente, pois isso importaria em sentir-se feliz com um amigo e em contristar-se com outro, simultaneamente.¹¹

Encerrando essa questão, Aristóteles aponta que é impossível ter muitos amigos que atendam todas às características de uma amizade completa. Os que são amigos de muitos e possuem intimidade com todos eles são considerados como amigos de ninguém, ficando limitados aos termos de concidadãos. Assim, se alguém possuir alguma forma de amizade que se baseia na virtude e no caráter, ainda que sejam poucos os amigos desse tipo, deve ficar contente.

Sobre o problema se necessitamos ter mais amigos na adversidade ou na prosperidade, Aristóteles afirma que em ambas as situações eles são procurados, já que no momento adverso é preciso obter ajuda, e no momento próspero é preciso ter com quem conviver e partilhar o bem.

Num primeiro momento, ele trata do problema dizendo que a amizade é mais necessária na adversidade, e por isso são os amigos úteis que buscamos em tal situação, mas na prosperidade, buscamos os amigos bons porque seria melhor fazer bem a eles e desfrutar de sua companhia:

Com efeito, a própria presença dos amigos é aprazível tanto na boa quanto na má fortuna, já que nossa dor é menor quando eles a compartilham conosco. E assim, poder-se-ia perguntar se eles tomam sobre os seus ombros uma parte do nosso fardo, ou se é a presença dos amigos, pelo que tem de aprazível, e o pensamento de eles se condoerem conosco que aligeiram a nossa dor.¹²

¹¹ *Ét. a Nic.*, IX, 10, 1171^a 5.

¹² *Ét. a Nic.*, IX, 11, 1171^a 25-30.

Aristóteles entende que, embora a presença e as palavras de conforto do amigo num momento desagradável sejam uma proteção contra o pesar, ver o amigo sofrendo nossas dores nos é penoso. É característico de um amigo evitar ser a causa do sofrimento daquele que estima. Por isso, ele afirma que os que possuem natureza mais resistente evitam dividir com os amigos suas aflições.

Aristóteles também comenta que seria muito digno prestar auxílio a um amigo num momento desfavorável, mesmo sem ter sido solicitado. Tal ação seria, além de nobre, muito agradável para ambos. Mas quando os amigos gozassem de prosperidade, não se deveria hesitar em partilhar com eles suas atividades. Por fim, Aristóteles conclui que é desejável ter amigos em quaisquer ocasiões.

3 AS TRÊS FORMAS DE AMIZADE

Como mencionado no capítulo anterior, para Aristóteles há três formas de amizade porque, segundo ele, o número de coisas que estimamos são três, o que é útil, prazeroso ou bom. Para cada uma delas há um sentimento recíproco e conhecido, e os que se gostam desejam-se bem a respeito daquilo pelo qual se gostam. Feita essa delimitação sobre quantas e quais coisas são objeto de nossa consideração, o filósofo procederá investigando as características que envolvem essas formas de amizade.

3.1 AMIZADE BASEADA NA UTILIDADE

Nessa forma de amizade, os que são amigos o são em virtude de algum benefício, isto é, não se gostam por si mesmos, mas sim visando receber algo um do outro. Assim, numa amizade baseada na utilidade os amigos se gostam em razão do que é bom para eles mesmos, de modo que não haveria propriamente um sentimento pela pessoa que se considera como amigo, e sim na medida em que ele pode ser útil:

Por exemplo: se duas pessoas, A e B, firmam amizade em virtude da utilidade, um (A) deseja que o outro (B) tenha sucesso em seus (B's) negócios. Porém, aquilo por causa de que travam amizade não é aqui a própria pessoa, mas o que lhe é útil, e assim não é o caso de se desejar o bem ao amigo por causa dele mesmo.¹³

A principal propriedade da amizade baseada na utilidade é que ela é acidental. Tendo em vista que em tal forma de amizade há certa "deficiência", os amigos se gostam não por serem o que são enquanto pessoas, mas com vistas naquilo que podem obter. Isso parece ser confirmado pelo de fato de que esse tipo de amizade ocorre com maior frequência tanto entre os mais velhos, quanto entre os contrários, dado que eles diversas vezes precisam que os outros lhes prestem favores:

"A amizade com vistas na utilidade parece ser a que mais facilmente se forma entre contrários, como, por exemplo, entre pobre e rico, entre ignorante e letrado; porque um homem ambiciona aquilo que lhe falta e dá algo em troca." (ARISTÓTELES, 1159b)

¹³ Wolf, 2007, p. 228.

Entretanto, vale ressaltar que embora esse tipo de amizade esteja visando à utilidade, não seria prudente concluir que nela haveria ausência de sentimento: ”As variedades de relacionamentos amorosos são o tema do tratado de Aristóteles, e ele não exclui os apegos sentimentais que se desenvolvem das associações mutuamente vantajosas [...]” (KONSTAN, 2005, p. 105).

Num certo momento da investigação, Aristóteles irá retomar a abordagem sobre a amizade baseada na utilidade e acrescentará novas informações a respeito dela. Começará apontando que as queixas e censuras surgem principalmente nessa forma de amizade, e depois afirmará que a justiça é de duas espécies, uma não escrita e a outra legal, e parecendo comparar essa duplicidade da justiça com a amizade por utilidade, dirá que esta pode ser moral ou legal. Acrescentando que as queixas surgem quando os homens não estão em consonância a respeito do tipo de amizade que contraíram:

O tipo legal é aquele que assenta sobre termos definidos. Sua variedade puramente comercial baseia-se no pagamento imediato, enquanto a variedade mais liberal dá uma certa margem de tempo, mas estipula uma troca definida. Nesta variedade a dívida é clara e não ambígua, mas a sua protelação contém um elemento de amizade; e por isso alguns Estados não admitem ações judiciais em torno de tais acordos, pensam que os homens que transacionaram numa base de crédito devem aceitar as consequências.¹⁴

Enquanto o tipo legal da amizade por utilidade assume um aspecto de um contrato comercial, o tipo moral reside em aspectos mais amplos de relações baseadas em donativos:

O tipo moral não assenta em termos fixos. Faz uma dádiva, ou o que quer que seja, como se fosse a um amigo; mas espera receber outro tanto ou mais, como se não tivesse dado e sim emprestado; e, se a situação de um deles é pior após dissolver-se a relação do que antes de havê-lo contraído, esse homem se queixará. Isso acontece porque todos os homens ou a maioria deles desejam o que é nobre mas escolhem o

¹⁴ *Ét. a Nic.*, VIII, 13, 1162b 25-30.

que é vantajoso; ora, é nobre fazer bem a um outro sem visar a qualquer compensação, mas receber benefícios é que é vantajoso.¹⁵

3.2 AMIZADE BASEADA NO PRAZER

Nessa forma de amizade é a oportunidade de usufruir momentos agradáveis o que une os que são amigos. Do mesmo modo que a amizade anterior, esse tipo de amizade carrega o gostar com vistas em algo que não é o outro, o amigo. Assim, tal amizade também possui a propriedade de ser acidental, visto que não tem em mira o sentimento ao amigo por ele mesmo.

Ainda que esse tipo de amizade carregue a marca de ser acidental, Aristóteles confere ênfase a ela quando observa a sua importância na vida dos jovens. Como a característica destes é a de serem amorosos, parece que, no tocante ao convívio, são muito intensos, o que certamente indica aproximação com o alvo da amizade:

Os jovens são também amorosos, pois, em sua maior parte, a amizade que existe no amor depende da emoção e visa ao prazer; é por isso que tão depressa se apaixonam como esquecem sua paixão, muitas vezes mudando no espaço de um dia. Mas é certo que tais pessoas desejam passar juntas os seus dias e a sua vida inteira, pois só assim alcançam o propósito da amizade.¹⁶

3.3 AMIZADE BASEADA NA BONDADÉ

Nessa forma de amizade o que une os amigos é a bondade que ambos possuem. Tais amigos, além de serem bons em si mesmos, desejam-se o bem enquanto bons. Ao contrário dos outros tipos de amizade apresentadas, a amizade baseada na bondade tem por marca ser por natureza, e não acidentalmente, visto que os amigos se gostam em virtude das pessoas que são. Assim, para Aristóteles, apenas essa forma de amizade poderia ser classificada em sentido próprio, enquanto as outras seriam por analogia.

¹⁵ *Ét. a Nic.*, VIII, 13, 1162b 35.

¹⁶ *Ét. a Nic.*, VIII, 3, 1156 b 5.

A amizade baseada na bondade tem por característica a junção dos componentes das formas anteriores. Os bons regozijam-se tanto em serem úteis aos seus amigos, quanto em serem agradáveis. Dado que o caráter dos bons os impelem a serem úteis e também agradáveis para si mesmos.

Como a amizade baseada na bondade depende que os amigos sejam bons, Aristóteles irá analisar as características desses homens. Em linhas gerais, esses homens são estáveis, amigos de si mesmos, praticam nobres ações, sentem prazer em seus atos, além de serem ótimos exemplos para os que são próximos. Também demonstram grande respeito à pátria e não se furtariam aos deveres relativos a ela. E como esses homens possuem altas qualidades, seu comportamento para com os amigos não poderia destoar de seu louvável caráter. Tais homens não hesitariam nem mesmo a sacrificar sua própria vida em prol de um amigo:

Os homens bons também se desfazem de suas riquezas para que os seus amigos possam ganhar mais, pois, enquanto o amigo de um homem adquire riqueza, ele próprio alcança nobreza: é a ele, portanto, que cabe o maior bem. O mesmo se pode dizer das honras e cargos públicos: tudo isso ele sacrificará ao seu amigo, porque tais atos são nobres e louváveis nele.¹⁷

¹⁷ *Ét. a Nic.*, IX, 8, 1169^a 30.

4 POSSÍVEIS MOTIVAÇÕES QUE LEVARIAM AO TÉRMINO

O tratamento que Aristóteles dá ao tema da amizade é tão abrangente que não deixa de fora uma questão que poderia ser vista como trivial ou nem mesmo ser notada, mas que, observada atentamente, exerce um papel importante na caracterização das formas de amizade. Essa questão é a durabilidade.

Como visto no capítulo anterior, quando o filósofo procura abordar o que é próprio de cada tipo de amizade, ele se preocupa em mostrar entre quem ela ocorreria e qual o fim tais pessoas esperariam obter do amigo. Mediante esses pontos, ele trata da duração de cada uma das formas apresentadas.

Tendo em vista que as formas de amizade baseadas na utilidade e no prazer são acidentais, Aristóteles salienta que são maiores as chances delas enfraquecerem e terminarem, dado que tais formas são "frágeis" pelas suas próprias características. Enquanto a primeira pode se dissolver quando o amigo deixar de ser útil, a segunda poderia se dissolver quando o amigo deixasse de ser uma companhia agradável. Tão inconstante quanto à própria noção de utilidade, são os jovens, que dificilmente sentem prazer permanentemente com as mesmas coisas:

A amizade dos jovens, por outro lado, parece visar ao prazer, pois eles são guiados pela emoção e buscam acima de tudo o que lhes agradável e o que tem imediatamente diante dos olhos; mas com o correr dos anos os seus prazeres tornam-se diferentes. É por isso que fazem e desfazem amizades rapidamente: sua amizade muda com o objeto que lhes parece agradável, e tal prazer se altera bem depressa.¹⁸

Entretanto, resta saber o que ocorreria com a amizade dos bons; também estaria ela fadada ao possível término? Não, segundo Aristóteles, a amizade perfeita é tão forte em suas estruturas que seria duradoura. Dado que a bondade é caracterizada como algo muito durável, ela seria como uma âncora desse tipo de amizade, garantindo que a amizade dos bons nunca atingisse as profundezas da instabilidade.

¹⁸ *Ét. a Nic.*, VIII, 3, 1156^a 35.

Uma tal amizade é, como seria de esperar, permanente, já que eles encontram um no outro todas as qualidades que os amigos devem possuir. Com efeito, toda amizade tem em vista o bem ou o prazer – bem ou prazer, quer em abstrato, quer tais que possam ser desfrutados por aqueles que sentem a amizade –, e baseia-se numa certa semelhança. E à amizade entre homens bons pertencem todas as qualidades que mencionamos, devido à natureza dos próprios amigos, pois numa amizade desta espécie as outras qualidades também são semelhantes em ambos; e o que é irrestritamente bom também é agradável no sentido absoluto do termo, e essas são as qualidades mais estimáveis que existem.¹⁹

Outra característica que confirma a força da amizade dos bons é a sua invulnerabilidade à calúnia. Os amigos desse tipo de amizade teriam se testado ao longo do tempo que conviveram a ponto de não darem ouvidos a qualquer um que tentasse violar um espaço tão íntegro como esse que constitui o lugar dos verdadeiros amigos.

Quando se fala em relações amigáveis e as características que definem os tipos de amizade, um ponto de partida que aparenta sustentar essas relações, para Aristóteles, é o modo como alguém se relaciona consigo mesmo. No tratado da amizade, a relação para consigo mesmo tanto parece assumir a conotação de amizade quanto de amor. Essa relação adquire maior significado ao se examinar os bons.

Os bons carregam a marca de possuírem opiniões harmoniosas, desejam sempre as mesmas coisas, almejam tanto o que é bom quanto o que parece sê-lo, e mais ainda, estão habituados a sua prática, em conformidade com a parte pensante que possuem e que é considerada como própria dos humanos. Também desejam a vida e a sua preservação, dado que a existência para essa classe de indivíduos lhes é proveitosa, pois se regozijam das lembranças de suas atitudes no passado e anseiam esperançosamente o futuro. Além disso, suas alegrias e dissabores provêm primeiramente de si mesmos, e não cultivam arrependimentos. Se tais características pertencem àquele que é amigo de si mesmo e é bom, e se relaciona com seu amigo como para consigo mesmo, podemos supor que a definição de Aristóteles do amigo como um outro eu entraria nesse contexto impelindo aos bons a sempre agirem da melhor forma possível com seus amigos, não deixando que se abrisse uma brecha

¹⁹ *Ét. a Nic.*, VIII, 3, 1156b 20.

para a possibilidade do término. Pois seria tanto doloroso como decepcionante ter falhado em primeiro lugar consigo mesmo.

Embora seja plausível a caracterização daquele que é bom como amigo de si mesmo, como descartar a hipótese de que alguém não permite que uma amizade chegue ao fim simplesmente por um desejo de sentir-se sempre um vitorioso? Por amar tão desenfreadamente a si mesmo que não admite perder um amigo?

De acordo com a visão aristotélica, o amor ou amizade a si mesmo daquele que é bom é radicalmente diferente daquele que é mau. Enquanto o mau ama a si mesmo de forma egoísta, e sempre age em virtude do que é vantajoso pra si, guiado principalmente pelas paixões, o homem bom vive de acordo com o melhor elemento que há nele, que é o racional. Suas ações visam a excelência, e estas contribuem para o bem comum na medida em que são exemplos que podem ser reproduzidos pelos seus amigos. Portanto, o amor a si mesmo do homem mau nada tem de benéfico para si e nem para os amigos que o rodeiam, pois só para ele o término de uma amizade representaria uma perda de status ou de vantagens. Já para o homem bom, nenhum esforço seria medido para se manter uma amizade, dado que as ações nobres seriam uma grande recompensa para si e um modelo para os amigos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi apresentar a noção de amizade em Aristóteles e suas três formas, sob a ótica do término. Para isso, foi utilizado como base teórica o tratado da amizade, que tem o intuito de apontar as diversas relações afetivas observadas na *polis* que podem ser entendidas como amizade.

Abrindo esta pesquisa, o primeiro capítulo teve como alvo justamente alertar para o fato de que o termo *philia* tem uma abrangência muito maior do que apenas amizade. Isso auxiliou na leitura do tratado, na medida em que aparecem nele relações variadas, como a de mãe e filho, marido e mulher e governante e governado. Relações essas que, tomadas isoladamente dentro do tratado, talvez parecessem estranhas, mas que, compreendidas a partir da amplitude que a *philia* carrega, podem ser vistas como essenciais para os indivíduos e os cidadãos, e nitidamente terem seu merecido lugar na obra.

No que diz respeito à *Ética a Nicômaco*, foi feito um panorama resumido do livro com o objetivo de esclarecer e ressaltar a participação do tema da amizade nele. Dado que a obra tem como meta conduzir os cidadãos a agirem racionalmente visando uma vida boa e feliz, a discussão sobre a amizade é fundamental. Pois ela fornece caminhos que possibilitam compreender o impacto que a amizade tem nos pesares e alegrias pessoais, e no melhor modo de se conduzir a vida enquanto comunidade política.

Sobre como o tema da amizade foi abordado anteriormente a Aristóteles, utilizou-se como referência Platão, que embora tenha se preocupado mais com o componente erótico da amizade, explorando os benefícios que o amor entre os amigos poderia proporcionar; também buscou defini-la, e apontar entre quem ela poderia ocorrer, só que de maneira menos abrangente e específica que Aristóteles. Além disso, o filósofo se diferencia de Aristóteles por optar pela forma do diálogo no texto *Lísias*, que preza pelo conflito dialético das proposições. Já Aristóteles, diferenciou-se de Platão na medida em que privilegiou o componente racional e político da amizade. O componente racional estaria ligado não propriamente aos tipos de amizade, mas sim ao que caracterizaria o melhor modo de agir dos próprios amigos. O aspecto político teria seu papel central quando observada a função do convívio no delineamento da amizade, que além de aperfeiçoar o exercício da cidadania, estimularia

dentre outras atividades, as discussões filosóficas. Assim, a amizade se realizaria plenamente, na visão aristotélica, quando os amigos compartilham atividades no espaço público da *polis*. Característica que podemos indagar até que ponto está presente em nossos dias, visto que possivelmente enxergamos a amizade ligada à intimidade usufruída nos limites do ambiente doméstico.

Quanto às definições que Aristóteles fez acerca da noção de amizade, elas confirmam a sua importância para a vida tanto no plano individual quanto coletivo. Pois o filósofo chama atenção para o fato de que ninguém escolheria viver sem amigos e que o amigo é um outro eu. Mesmo que atualmente alguns autores como Ortega (2002), por exemplo, afirmem que a amizade é entendida em nossos tempos de forma diferente que a dos filósofos antigos, sendo encarada mais como um meio de fugir da solidão, pelo menos quanto ao que esperamos de mais essencial na amizade, é difícil negar que a ela tenha perdido a capacidade de ser considerada indispensável em nossas vidas, ou que não ansiemos por um amigo que nos compreenda tão bem quanto nós mesmos e que divida conosco uma existência próspera.

A exposição das três formas de amizade serviu tanto explicar por que na visão de Aristóteles há três formas - pois de acordo com ele o número de coisas que estimamos são três -, quanto para elucidar que também em nossos tempos acreditamos que são três os tipos de amizade. A que Aristóteles diz ser baseada na utilidade talvez seja entendida comumente como que carregada de uma carga pejorativa, sendo chamados os amigos dessa forma de "interesseiros". O que poderia não corresponder exatamente ao sentido original pensado pelo filósofo, dado que para ele aparenta ser possível haver afeto nesse tipo de amizade. O que nos ajuda também a refletir que o fato de uma relação visar vantagens não impede que haja afeto ou respeito mútuo. A amizade baseada no prazer parece ser a que encontramos com maior incidência em nossas vidas, entretanto, é a que talvez mais nos engane e proporcione decepções, visto que geralmente os amigos que compartilham momentos festivos se calam ou desaparecem em ocasiões desfavoráveis. Já a respeito da amizade baseada na bondade, parece ser a que mais nos aproxima da perspectiva aristotélica, pois não é absurdo supor que a maioria de nós deseje e acredite num tipo de amizade perfeita, que não se abale diante dos reveses da vida, e nos acompanhe fielmente por toda nossa existência.

A pergunta que é usada como título desta pesquisa foi respondida na medida em que foram expostas de que modo o objetivo dessas formas de amizade contribuiriam para elas se prolongarem ou terminarem. Enquanto as formas por utilidade e prazer seriam acidentais e teriam em mira não o amigo, mas o que se obtivesse dele, a forma de amizade baseada na bondade seria por natureza e visaria ao amigo por ele mesmo, tornando esse tipo de amizade permanente. Ademais, vale repetir que a própria bondade é tida como muito durável segundo Aristóteles.

A abordagem que foi feita nesta pesquisa sobre o problema do término a que algumas formas de amizade estariam sujeitas poderia ser encarada tanto como um tema banal quanto irrelevante, ou inexistente no tratado da amizade, mas que, observada minuciosamente, é preciosa para as estruturas do tratado, pois faz da amizade dos bons algo digno de ser emulado pelos cidadãos e representa a mais excelente felicidade que se pode desejar. Também nos permite compreender que a forma de amizade baseada na bondade, por ser tida como perfeita, possivelmente ainda representa em nossos dias um grande anseio. Além disso, o problema do término é uma questão que permeia intensamente nossas relações atuais, em que os laços afetivos podem ser desfeitos apenas com um clique.

Por fim, alguns pontos que merecem ser trabalhados e questionados futuramente são: a relação intrínseca entre filosofia e amizade; a aparente mudança do caráter político da amizade no período grego clássico para um exercício da intimidade nos tempos atuais; a dificuldade em usar a noção de amizade em Aristóteles fora do contexto masculino; e como sustentar que a bondade é tão fixa e inquestionável que suporta qualquer abalo, não podendo surpreender até mesmo os amigos dessa modalidade?

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. D. *Revista Prosa Verso e Arte*. Disponível em: <<https://www.revistaprosaversoearte.com/flor-telefone-moca-carlos-drummond-de-andrade/>>. Acesso em: 19 Fevereiro 2019.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural (Os Pensadores), v. II, 1987.
- FEITOSA, Z. M. L. *A influência da amizade nas constituições políticas em Aristóteles*. Prometeus, Sergipe, v. 6, n. 11, p. 1-10, 2013.
- KONSTAN, D. *A amizade no mundo clássico*. 1. ed. São Paulo: Odysseus, 2005.
- ORTEGA, F. *Genealogias da amizade*. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- PLATÃO. *Lísis*. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2015.
- WARKEN, H. M. *Significado ético da amizade na "Ética a Nicômaco"*. Dissertação (Dissertação em Filosofia) - UFSC. Florianópolis, p. 107. 2005.
- WOLF, U. *A Ética a Nicômaco de Aristóteles*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2007.